

MEMÓRIAS DA SBENBIO POR MEIO DA NARRATIVA DE EXPERIÊNCIAS NA FORMAÇÃO DOCENTE

MEMORIES OF SBENBIO THROUGH THE NARRATIVE OF EXPERIENCES IN TEACHER EDUCATION

MEMORIAS DE LA SBENBIO ATRAVÉS DE LA NARRATIVA DE EXPERIENCIAS EN LA FORMACIÓN DOCENTE

Karine de Oliveira Bloomfield Fernandes¹

Resumo

O trabalho tem como objetivo narrar as experiências da autora na Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio), visando contribuir com o resgate da memória da associação. Afinal, a SBEnBio tem papel fundamental como espaço de diálogo para alunos, professores e pesquisadores.

Palavras-chave: Comemoração; Ensino de Ciências e Biologia.

Abstract

The objective of this work is to narrate the author's experiences at the Brazilian Association of Biology Teaching (SBEnBio), aiming to contribute to the rescue of the association's memory. After all, SBEnBio plays a fundamental role as a space for dialogue for students, teachers and researches.

Keywords: Celebration; Science and Biology teaching.

Resumen

El objetivo de este trabajo es narrar las experiencias del autor en la Asociación Brasileira de Enseñanza de Biología (SBEnBio), con el objetivo de contribuir al rescate de la memoria de la Asociación. Después de todo, SBEnBio juega un papel fundamental como espacio de diálogo para estudiantes, docentes e investigadores.

Palabras clave: Celebracion; Enseñanza de Ciencias y Biología.

¹ Doutora em Educação - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, RJ - Brasil. Professora de Ciências Biológicas - Colégio Universitário Geraldo Reis - Universidade Federal Fluminense (COLUNI/UFF EBTT) - Niterói, RJ - Brasil. E-mail: kabloom01@gmail.com



As experiências, de que falam as recordações-referências constitutivas das narrativas de formação, contam não o que a vida lhes ensinou, mas o que se aprendeu experencialmente nas circunstâncias da vida [...]

Marie-Christine Josso.

1 Para início da conversa

Ser indicada pela atual gestão² da Regional-2 (RJ/ES)³ para fazer parte desse número comemorativo da revista, que celebra os 25 anos da Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio), é uma honra e uma responsabilidade. Tais “sentimentos” se explicam por dois motivos: pela relevância dessa associação no campo de Ensino de Biologia, que por meio da criação dos seus encontros Regionais de Ensino de Biologia (EREBIO) e o Nacional de Ensino de Biologia (ENEBIO), promove o desenvolvimento do ensino e da pesquisa entre profissionais deste campo de conhecimento; e pela importância da SBEnBio em minha constituição como docente.

As ideias de Josso (2002), contidas na epígrafe, sobre experiência e “circunstâncias da vida” vem ao encontro do que sinto ao me pegar aqui narrando minha trajetória e mobilizando as lembranças, que tenho guardadas de tempos tão intensos, de tantas expectativas e sonhos para o futuro, que tinha como aluna da graduação, chegando até hoje, já como professora. Na associação, experienciei ser participante, mediadora, conselheira, tesoureira e diretora da Regional 2 (RJ/ES). Assim, acredito que essa instituição me atravessou, a constituiu e fui constituída como sujeito nessa relação com ‘outros’ e nesse contexto de formação. Nessa direção, em diálogo com Jorge Larrosa (2002, p. 25), entendo que é somente com a experiência que sucede a quem se deixa interpelar por “espaços indeterminados” da formação docente, pondo-se nela “à prova e buscando” nela “sua oportunidade, sua ocasião”, que emerge o sujeito, neste caso o sujeito-docente, neste caso: eu.

Após ter justificado ao meu leitor o que me trouxe até esse momento da escrita, passo, na próxima seção, a narrar um pouco da minha trajetória na associação e, por conseguinte, trago a história da SBEnBio. Não tenho a pretensão de abarcar a totalidade das vivências desses 15 anos nesse espaço-tempo de formação docente, mas sim trazer aquilo que elegi como conhecimento de mim e como formador na minha vivência pessoal e social (SOUZA, 2011).

² Agradeço aos colegas: Regina Rodrigues Lisbôa Mendes, Juliana Marsico Correia da Silva, Vanessa Stefano Masquio, Maína Bertagna Rocha, Cecília dos Santos Oliveira, Cristiana Rosa Valença, Lucia Helena Pralon de Souza, Maria Jacqueline Girão Soares de Lima e Pedro Pinheiro Teixeira.

³ A Regional 2 é uma das seis regionais, que formam a Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio). Ela abarca os estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo. Para conhecer mais sobre a Regional 2, visite o nosso site <http://regional2.sbenbio.org.br/> e curta nossa página no Facebook <https://www.facebook.com/sbenbio/>



2 Compartilhando experiências

Ingressei em 2004 na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no curso de Ciências Biológicas, e, em 2006, escolhi fazer Licenciatura⁴. Nesse mesmo ano, já como licencianda, pude me envolver com o *Projeto Fundação Biologia*, um projeto de extensão originário do *Projeto Fundação – Desafio para a Universidade*⁵, atuando como bolsista de Iniciação Artística e Cultural da Pró-Reitoria de Graduação. Desde então, inserida no projeto ‘Memória do ensino de Ciências na UFRJ: revitalização do acervo do *Projeto Fundação Biologia*’, orientado pela professora Marcia Serra Ferreira, fui estimulada a produzir trabalhos e a socializá-los. Assim, meu primeiro contato com a SBEnBio se deu em Uberlândia, em 2007, na segunda edição do Encontro Nacional de Ensino de Biologia, que acontecia junto com o primeiro encontro da Regional 4 (figura 1). Era a primeira vez que iria apresentar um trabalho em um congresso. Era o primeiro movimento da escrita acadêmica, uma escrita diferente da que costumava ler ao longo da minha graduação, nos artigos científicos, que caracterizam o que chamam de “ciência dura”. Concordando com Sampaio *et al.* (2011, p. 127), experimentava, então, um novo desafio: o da escrita (docente), entendendo-a

[...] não como uma atividade solitária e concernente a alguns ilustrados, mas pelo contrário, como um processo mediado e colaborativo de iniciação, de passagem, como entre os ritos tribais: *iniciação* na nova *cultura (acadêmica)*, a qual tem suas especificidades, nem mais nem menos legítimas do que a *cultura escolar*, porém (apenas) diferente.⁶

Texto pronto, fruto da minha pesquisa na educação, que também se iniciava, vinha a expectativa do aceite e o entusiasmo de preparar as malas para pegar a estrada e viajar. Viagens essas que só foram possíveis com o auxílio do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ.

Lembro-me de, no último dia, participar da assembleia geral e lá perceber a importância da associação para professores, pesquisadores e alunos, que ali estavam presentes. Os debates, as votações, tudo gerava em mim a vontade de, apesar de já me reconhecer fazendo parte daquela comunidade, querer estreitar os vínculos, poder participar ativamente das decisões e fortalecer o ensino de Ciências e Biologia, por entender que:

Fruto de um processo social mais amplo, as disciplinas são constituídas e sustentadas por grupos de atores sociais – professores da Educação Básica, pesquisadores e especialistas de suas áreas de ensino específicas, ou seja, profissionais comprometidos com o ensino. Esses atores sociais em suas áreas de ensino específicas constituem o que se entende por comunidade disciplinar. Nessa perspectiva,

⁴ O curso de Biologia tem a duração de quatro anos, sendo que no quinto período o aluno escolhe entre a licenciatura ou o bacharelado. No bacharelado, o aluno tem a opção de escolher dentre os cinco bacharelados: biologia vegetal, biologia marinha, ecologia, genética ou zoologia.

⁵ O referido projeto foi criado, no início dos anos de 1980, por meio de uma ação coletiva de várias unidades da universidade em questão: o Instituto de Biologia, o Instituto de Física, o Instituto de Geociências, o Instituto de Matemática, o Instituto de Química e a Faculdade de Educação (Folder do *Projeto Fundação – Desafio para a Universidade*. 1983. O documento encontra-se no arquivo do *Projeto Fundação Biologia*, localizado no bloco D, sala D-23, do CCS, UFRJ, no *campus* da Ilha do Fundão).

⁶ Grifos dos autores.

a comunidade disciplinar é estabelecida em função de quem atua nesse campo, ou seja, em função de indivíduos que têm suas identidades definidas com base em uma trajetória construída pela sua atuação histórica e social. A trajetória de atuação da comunidade disciplinar de ensino de Biologia se dá em diversos âmbitos, dentre eles congressos voltados ao ensino das disciplinas (BUSNARDO, 2010, p. 46). Assim, atendendo a um convite feito durante a assembleia, me filiei à SBEnBio e foram as primeiras participações de muitas atividades como palestras, mesas redondas, minicursos, painéis temáticos, atividades culturais, sessões de comunicação oral e de pôsteres e *coffee breaks*.

Figura 1: Apresentação de pôster na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Da esquerda para a direita, a professora Maria Margarida Gomes, eu e minha orientadora do mestrado, a professora Marcia Serra Ferreira.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Também em 2007, experienciei o ‘IV Encontro Regional de Ensino de Biologia da Regional 2’, realizado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Guardo na memória o meu entusiasmo em ver pessoalmente muitos dos autores e autoras que lia no grupo de estudo.

Nesse evento, além da apresentação de trabalho, participei como monitora (figura 2), experimentando um outro lugar, que trouxe marcas em minha formação, implicando em meu desenvolvimento pessoal, com “a preparação para a realização profissional de uma prática educativa contextualizada, reflexiva, crítica e transformadora” (SOUZA, 2011, p. 79). Segundo Candau (1986, p. 13), a monitoria como procedimento pedagógico, tem demonstrado sua utilidade, à medida que atende às dimensões “política, técnica, e humana da prática pedagógica”. Foram muitas as aprendizagens durante esse período, pois pude auxiliar em atividades como as oficinas pedagógicas e minicursos. Também carrego as lembranças das amizades que fiz ao trabalhar com outros estudantes de diferentes instituições.

Figura 2: Trabalhando em uma das atividades oferecidas durante o evento na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). À esquerda, sentadas, eu e a monitora Vaneza



Gripp.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Todos os eventos, tantos os regionais quanto os nacionais, foram importantes de algum modo para mim, porém faço uma pausa em minha narrativa para ressaltar a oitava edição do encontro regional, que ocorreu em 2017. Esse salto se deve a experiência que “aconteceu” e que me “tocou”. Uso esses termos emprestados de Larrosa (2002), por entender que:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.

Dez anos depois de ter vivido a experiência da monitoria, fazendo parte do conselho deliberativo⁷ da gestão 2015-2017⁸ da Regional 2, estava eu a participar do momento formativo desses alunos (figuras 3 e 4), vendo neles todas as expectativas, que um dia foram as minhas. Todas as trocas estabelecidas ao longo do evento, fazem-me lembrar de que

[...] ninguém forma ninguém, mas, paradoxalmente, ninguém se forma sozinho, que implica na determinação coletiva dos processos formativos, visto que somos redes de sujeitos envolvidos em processos de interação nos diversos espaços-tempos de produção de subjetividades (RANGEL, 2011, p. 74).

Figura 3: Registro da segunda reunião pré-evento realizada com os monitores no auditório da



Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

⁷ As diretorias das regionais da SBEnBio são compostas por: diretor(a), vice-diretor(a), tesoureiro(a), secretário(a) e conselheiros(as).

⁸ Gestão que tinha como diretora a professora Mariana Lima Vilela da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 4: Registro com parte dos monitores durante o VIII EREBIO, nos corredores da



Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FE/UFRJ).

Fonte: <https://www.facebook.com/sbenbio2/>

No final de 2017, recebi um convite inusitado e irrecusável da professora Maria Margarida, então diretora, para fazer parte da diretoria da Regional 2, como tesoureira, na gestão 2017-2019, ocupando, naquele período, um outro lugar de sujeito.

Em tempos difíceis para a Educação no país, convidamos nossa comunidade a “esperançar” e dentro do que nos ensina Paulo Freire fomos impulsionados a nos “movermos”, pois pela primeira vez, depois de certo tempo, não recebíamos apoio de uma agência de fomento para “levantar” o evento regional. Se para Freire (1985, p. 20), uma das questões que “se coloca é saber se, quem sonha, está sonhando um sonho possível. Segundo, se, quem sonha, está lutando para possibilitar o que está sendo impossível hoje”, posso considerar que “sonhamos” juntos e conseguimos realizar o IX EREBIO, que ocorreu pela primeira vez tendo como sedes duas escolas: o Colégio de Aplicação da UFRJ e o Colégio Estadual Ignácio Azevedo do Amaral (figura 5).

Figura 5: Diretoria da Regional 2 (gestão 2017-2019). Da esquerda para a direita: Rodrigo Borba (secretário), eu (tesoureira), Maria Margarida Gomes (diretora), Cecília Oliveira (Vice-diretora). Tirada no *campus* da Praia Vermelha (Faculdade de Educação da UFRJ).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Ao final de 2019, um novo desafio: assumi a direção da Regional 2⁹. Infelizmente, a pandemia nos privou de estarmos juntos presencialmente (figura 6). Porém, com os laços de afeto que nos une, conseguimos nos reinventar desenvolvendo atividades *on-line*¹⁰ e publicamos um dos primeiros trabalhos tratando sobre os desafios da docência durante a pandemia da COVID-19. Tendo como foco “a escuta de docentes”, ampliamos e diversificamos os canais de comunicação e, assim, promovemos uma “troca de experiências formativas” (BORBA *et. al*, 2020, p. 170).

⁹ Gestão 2019-2021.

¹⁰ Visite nosso canal *sbenbio2encontros* no *YouTube* para acessar as *lives*.



Figura 6: Uma das *lives* realizadas no período da pandemia pela Regional 2. Em cima, à esquerda Rodrigo Borba (secretário), à direita Mariana Vilela (palestrante). Embaixo, à esquerda eu (diretora) e à direita Regina Mendes (vice-diretora).



Fonte: <https://www.facebook.com/sbenbio2/>

3 Para concluir provisoriamente...

Ao narrar minhas experiências na associação, acredito poder ter contribuído para contar a história da própria SBEnBio para alunos, docentes e pesquisadores, que me leem, ressaltando o papel fundamental que esse espaço teve em minha formação docente. Nessa direção, Souza e Passeggi (2011, p. 328) salientam que:

A pesquisa (auto)biográfica em educação aposta na interpretação dos que constroem/vivem a história. Nesse sentido, ela tem um interesse particular por (auto)biografias de educadores e pelos processos de biografização de professores em formação, mas também de crianças, jovens e adultos. Admite que nessas narrativas se evidenciam as relações entre as ações educativas e as políticas educacionais, entre histórias individuais e história social.

Além da memória, guardo também objetos, que ajudam a contar essa história. Apropriando-me das ideias de Escolano Benito (2010 *apud* Oliveira; Gomes (2020, p. 2), que tem contribuído de forma expressiva para as investigações referentes ao papel da materialidade na análise das práticas pretéritas escolares, acredito que apesar de não serem “artefatos escolares”, objetos como as canecas, crachás, bolsas, camisas, são encarados como “restos

arqueológicos" (figuras 7, 8 e 9), que nos informam sobre valores e tradições dessa comunidade (ESCOLANO BENITO, 2010 *apud* OLIVEIRA; GOMES, 2020, p. 2).

O movimento da escrita, me fez perceber que dos 25, foram 15 anos que vivi na/pela SBEnBio. Finalizo minha narrativa, agradecendo a cada um/uma que construiu e trabalha para manter ativa essa associação. Em tempos tão difíceis de negacionismo científico, de ataques à educação, não estar sozinho nos fortalece e nos faz esperar, pois “enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica” (FREIRE, 1997, p. 5).



Figura 7: Canecas de alguns eventos Regionais e Nacionais.

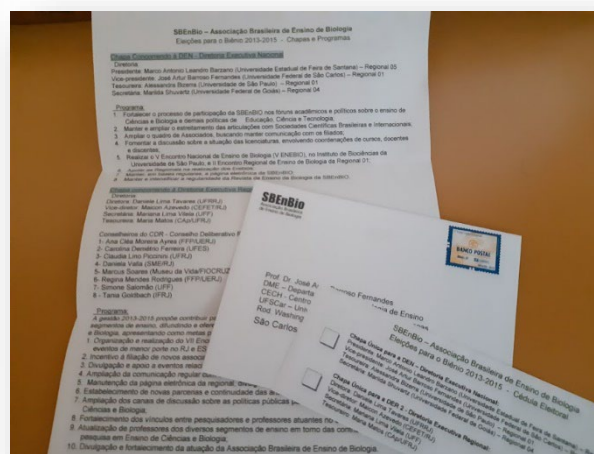
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 8: Crachás de eventos Regionais e Nacionais.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 9: Cédula em papel, enviada pelos Correios, para as eleições das diretorias Regional e Nacional. Datado de 2013.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Referências

BORBA, Rodrigo Cerqueira do Nascimento; TEIXEIRA, Pedro Pinheiro; FERNANDES, Karine de Oliveira Bloomfield; BERTAGNA, Maína; VALENÇA, Cristiana Rosa; SOUZA, Lucia Helena Pralon de. Percepções docentes e práticas de ensino de ciências e biologia na pandemia: uma investigação da Regional 2 da SBEnBio. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 153-171, 2020. DOI: 10.46667/renbio.v13i1.337. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/337> . Acesso em: 19 abr. 2022

BUSNARDO, Flávia de Mattos Gionannini. **A comunidade disciplinar no ensino de Biologia na produção de políticas de currículo**. 2010. 96 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. A didática em questão e a formação de educadores-exaltação à negação: a busca da relevância. In: CANDAU, Vera Maria Ferrão (Org.). **A didática em questão**. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 12-22.

CARVALHO, Janete Magalhães. Potência das redes: de conversações na formação continuada com professores. In: SÜSSEKIND, Maria Luiza; GARCIA, Alexandre. (Org.). **Universidade-Escola: Diálogo e formação de professores**. Rio de Janeiro: De Petrus et Alii, 2011. p. 59-78.

FREIRE, Paulo. Caminhos de Paulo Freire **Revista Ensaio**. São Paulo, n. 14, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Paz e Terra, 1997.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Educa, 2002.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 19, p. 20-28, 2002.

OLIVEIRA, Flaviana Alves de; GOMES, Maria Margarida Pereira de Lima. O microscópio como objeto escolar da disciplina Biologia no Colégio Pedro II (1960-1970). **Ciência & Educação**, Bauru, v. 26, 2020.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago; HELAL, Igor. Estudar e pesquisar a prática pedagógica: experiência(s) de (auto)formação docente no exercício de narrar(se). In: SÜSSEKIND, Maria Luiza; GARCIA, Alexandre. (Org.). **Universidade-Escola: Diálogo e formação de professores**. Rio de Janeiro: De Petrus et Alii, 2011. p. 113-134.

SOUZA, Elizeu Clementino de. “Vim aqui para ficar com os ‘comigos’ de mim”: estágio, narrativas e formação docente. In: SÜSSEKIND, Maria Luiza; GARCIA, Alexandre. (Org.). **Universidade-Escola: Diálogo e formação de professores**. Rio de Janeiro: De Petrus et Alii, 2011. p. 79-89.

SOUZA, Elizeu Clementino de.; PASSEGGI, Maria da Conceição. Dossiê (auto)biografia e educação: pesquisa e práticas de formação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 327-332, 2011.

Recebido em maio de 2022.
Aprovado em julho de 2022.

Revisão gramatical realizada por: Ana Paula Negreiros
E-mail: apcnegreiros@hotmail.com

